

MWC26: Brasil na Era do IQ: protagonismo técnico e político em Barcelona em tempos de tokenização

O Mobile World Congress Barcelona 2026 (MWC26) tentou reorganizar a agenda global de conectividade ao deslocar o foco da mera disponibilidade de rede para a combinação entre inteligência, responsabilidade e colaboração na tomada de decisões, em uma virada conceitual sintetizada em “The IQ Era”. A Fira Gran Via voltou a reunir os líderes mundiais em telecom, mobilidade, radiodifusão, computação em nuvem, e, neste ano, o Brasil ocupou um espaço incomum pela densidade técnica e institucional de sua presença, conectando infraestrutura, 5G Advanced rumo ao 6G, broadcast de nova geração, computação quântica, IA aplicada à saúde e inclusão digital de grande escala em territórios desafiadores.

Por Fernando Lopez Cisneros em Barcelona (Reportagem e fotos) e Fernando Moura, em São Paulo (Edição de texto e vídeo).

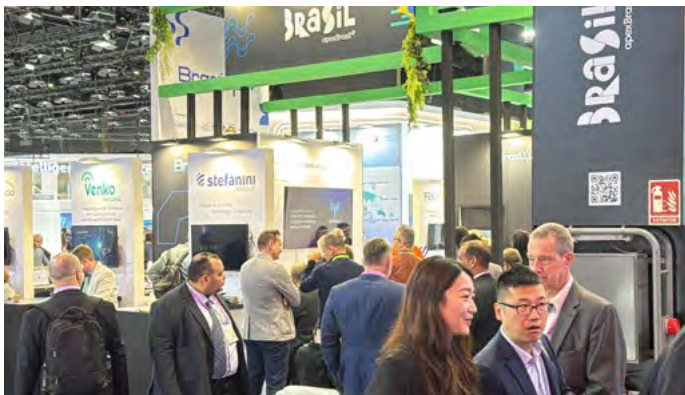


Foto: © 2026 GSMA / MWC

O MWC26, que se realizou de 2 a 5 de março, teve cobertura especial da Revista da SET, in loco, pelo terceiro ano consecutivo, na Fira Gran Via, em Barcelona. Na apresentação oficial, Hakan Dursun, *Chief Strategy Officer* (CSO), destacou que “esses temas refletem o que está moldando nossa indústria, o que está moldando o mobile e a tecnologia digital em 2026” e sintetizou a inflexão do setor como uma passagem “de apenas conectividade para inteligência, responsabilidade e reinvenção”.

Nesse contexto, o Brasil marcou uma presença histórica com uma delegação de 28 empresas, startups e Institutos de Ciência e Tecnologia integrada ao

programa Brasil IT+, em parceria com a Softex, para fomentar a internacionalização da indústria tecnológica nacional; o estande brasileiro foi concebido como plataforma de negócios e demonstrações — com salas de reuniões, espaço para apresentações e área de networking — e opera com uma agenda que trata de 5G Advanced e caminho para 6G, IA aplicada, computação em nuvem e na borda, cibersegurança, IoT e transformação digital em setores como saúde, indústria, cidades inteligentes e finanças, e segundo Christian Tadeu, presidente da Softex, a participação contínua no MWC reforça o posicionamento do Brasil no cenário global de tecnologia, com a Espanha como mercado estratégico e porta de entrada para a Europa.



Brasil em destaque

No plano institucional, o ministro das Comunicações, Frederico de Siqueira Filho, liderou a comitiva brasileira com uma agenda centrada em investimentos, conectividade significativa, regulação de plataformas digitais e fortalecimento do ecossistema de IA, e durante sua participação reforçou que a conectividade é elemento central do desenvolvimento econômico e social ao afirmar: “Estamos aqui com vários parlamentares e entidades discutindo o futuro das tecnologias, da inteligência artificial à infraestrutura de telecomunicações. Nosso objetivo é fortalecer a infraestrutura nacional e ampliar a inclusão digital, garantindo cidadania e acesso aos serviços públicos”.

A jornada em Barcelona começou com a TelComp para discutir desafios de IA, expansão de data centers e o papel do Fust, com o ministro pontuando que “precisamos ser facilitadores, viabilizando recursos, financiamento e modernizando o Fust, criando novas modalidades que ampliem sua capacidade de captação”, seguiu com a V.tal apresentando o cabo submarino Elypsis, que conectará o Brasil aos Estados Unidos partindo de São Paulo e cruzando capitais do Nordeste e do Norte até o território norte-americano.

Ainda, houve um encontro bilateral com Óscar López Águeda, ministro para a Transformação Digital da Espanha, para troca de experiências sobre regulação de plataformas digitais, políticas de *data centers* e proteção de crianças em ambientes online, ocasião em que o Brasil foi convidado à Cúpula Digital Ibero-Americana de novembro em Madri; o ministro destacou



A ARRI e HONOR anunciaram uma nova colaboração técnica estratégica, que une os recursos avançados de imagem móvel da HONOR com a tradição centenária da ARRI em definir a qualidade de imagem cinematográfica.

que o país avança com estratégia estruturada para IA, orientada pelo Plano Brasileiro de Inteligência Artificial, ao afirmar: “Estamos fortalecendo a infraestrutura digital para viabilizar a IA no Brasil. Esse movimento vai gerar benefícios diretos para a nossa população”, e, no giro pelos estandes, conheceu iniciativas da ZTE aplicadas a programas como

DTV+ em foco

Na radiodifusão, o DTV+ ganhou protagonismo no estande da Rohde & Schwarz ao conectar avanços práticos de engenharia com um cronograma ambicioso e com marcos técnicos que reposicionam o Brasil como referência internacional: testes e aceitação de transmissores com MIMO de transmissão, LDM (*Layer Division Multiplexing*), TXID e uma camada física que exige largura de banda estendida em VHF alto, chegando a ~300 MHz e desafiando a cadeia de RF a operar fora do envelope típico.

Em entrevista à Revista da SET, Graziano Casale afirmou que “o DTV+ representa, para nós, um grande marco. Podemos dizer que estamos realmente fazendo história”, explicando que a companhia precisou “estender a faixa dos nossos amplificadores para suportar essa banda” e que “o segundo desafio foi o MIMO, que significa múltipla entrada e múltipla saída — exigindo alinhamento de fase entre dois transmissores, e antenas para permitir o aumento da capacidade de transmissão de dados e diversidade espacial. Ou seja, você tem dois amplificadores, dois transmissores, um sistema completo com dois sinais transmitidos simultaneamente por antenas distintas, exigindo sincronismo de fase e tempo, e reforçando que “depois vem o LDM — multiplexação por divisão de camadas — e o TXID. Eles querem fazer tudo isso pela primeira vez, combinado, dentro do novo padrão, com a Copa do Mundo se aproximando. São muitos requisitos novos”; ao tratar de prazo, Casale foi enfático: “Estamos em

EAF e Norte Conectado e soluções de radiodifusão, ressaltando que parte dos equipamentos utilizados no país é fabricada em Extrema (MG), em parceria com a Multilaser, além de reuniões com Abrint, Apex e Softex e visita à Huawei, que mostrou novas linhas de supercomputadores e processadores voltados para aplicações de IA.

testes de aceitação com os clientes, validando a solução na fábrica. O plano é despachar os transmissores e finalizar a instalação em maio, com folga, para que, em junho, quando a Copa começar, o sinal esteja no ar”.

Para Casale, “o DTV+ é um novo padrão de TV digital que desafia os limites da evolução. É fantástico que, em 2026, a radiodifusão siga inovando”, apontando ainda a decisão arquitetural de migrar o Exciter para SDR — eliminando dependências de FPGA e acelerando o ciclo de features por software — como pilar de velocidade e flexibilidade.



Graziano Casale, diretor de vendas técnicas para distribuição broadcast da Rohde&Schwarz, disse que “o DTV+ representa, para nós, um grande marco”.

6G e novos modems

Outro ponto importante foi o 6G, onde a Rohde & Schwarz demonstrou agregação de portadoras entre FR1 (~2,5 GHz) e FR3 (~7 GHz) com 4x4 MIMO e modulações de alta ordem (até 4096QAM), em parceria com a Qualcomm, utilizando a plataforma de testes CMX500 expandida pelo módulo RFU18 que estende a cobertura até 18 GHz e cria um caminho direto e economicamente eficiente para a validação de dispositivos rumo ao 6G, com suporte a taxas de até

20 Gbps e até 16 portas de antena para multiplexação espacial, cobrindo LTE, 5G NR (SA/NSA), NTN, *Direct-to-Cell*, Wi-Fi 7 e Wi-Fi 8; em paralelo, Casale avaliou a topologia futura como híbrida: “O futuro se parecerá com uma combinação híbrida de múltiplas tecnologias. Resiliência e coberturas amplas favorecem broadcast (DTV+ ou 5G Broadcast). Altíssimas taxas em curtas distâncias favorecem Wi-Fi 7. Uma não vai matar a outra”.



Escaneie o QR e reveja a entrevista à Revista da SET, Max Rodrigues, Gerente Sênior de Marketing de Produto da Qualcomm, disse que o Qualcomm X105 traz avanços significativos em velocidade de dados e eficiência energética, mantendo a liderança da empresa em conectividade móvel.



No eixo de redes móveis e núcleos evoluídos, a corrida por eficiência e latência converge na linha de base do 3GPP Release 19, a Qualcomm Technologies anunciou o modem X105 como o primeiro do mundo compatível com R19, oferecendo até 14,8 Gbps, maior eficiência energética, IA integrada e conectividade via satélite, dá a medida de como a indústria está empacotando recursos de usuário e controle para acomodar agregação de portadoras mais ampla, modulações de ordem elevada, MIMO massivo, uplink reforçado e integração NTN, explicou em entrevista à

Revista da SET, Max Rodrigues, Gerente Sênior de Marketing de Produto da Qualcomm,

Segundo ele, entre seus diferenciais estão o primeiro transceptor de RF de 6 nm do mercado, que oferece maior eficiência de energia e menor tamanho físico, além do suporte a GNSS em quatro frequências e conectividade integrada via satélite com tecnologia NR-NTN para vídeo, dados e voz. A plataforma também incorpora um processador de Inteligência Artificial de quinta geração, que utiliza IA agentiva diretamente no modem para detectar, classificar e otimizar o tráfego de dados de acordo com o cenário de uso do usuário. Isso proporciona uma experiência aprimorada em jogos online, chamadas de vídeo e redes sociais.



Ministro das Comunicações, Frederico de Siqueira Filho lidera delegação brasileira no MWC26 destaca expansão da infraestrutura digital e avanço da IA/ Foto: Shizuo Alves / MCom

Streaming e pirataria

No streaming, em um mercado pressionado por custos de entrega, margens comprimidas e exposição crescente a pirataria que se comporta como “custo de entrega”, a Broadpeak trouxe uma agenda de execução pragmática que combina multiview escalável para esportes, publicidade contextual por IA integrada ao broadpeak.io com inserção pelo lado do servidor (SSAI), detecção de origem de restreaming ilegal e infraestrutura de borda com o EdgePeak, que supera 1 Tbps de capacidade e permite caching distribuído de alta performance para reduzir custo por gigabyte, melhorar QoE e garantir consistência de baixa latência em eventos ao vivo; em entrevista à Revista da SET, o VP de Ventas Latam da Broadpeak, Arnault

Lannuzel, chamou atenção para a necessidade de mecanismos que identifiquem a origem do vazamento, citando “sistemas de detecção da origem da pirataria” e “funcionalidades que permitam diferenciar o comportamento dos usuários destas plataformas”, ao mesmo tempo em que a oferta de multiview foi desenhada para reduzir custo computacional e trafegar de maneira eficiente, viabilizando experiências simultâneas em larga escala sem colapsar a borda, e, no pilar de monetização, a publicidade contextual por IA se torna eixo de sustentabilidade para serviços que reposicionaram seu mix de receita em direção a modelos suportados por anúncios.

Salto quântico e robôs

No limite da computação, a IBM apresentou o IBM Quantum System Two como plataforma modular e

de escala utilitária, projetada para operar múltiplos processadores IBM Heron e servir como ancoragem

O Olhar dos Especialistas da SET — MWC2026: A Era da IA e o Desafio dos Data Centers

Por Fernando Bittencourt

Ao acompanhar o MWC Barcelona 2026, ficou claro para mim que entramos definitivamente na chamada *IQ Era*, um momento em que a inteligência artificial passa a dominar não apenas a narrativa, mas também as decisões estratégicas da indústria tecnológica. Nas palestras que assisti, a IA foi o tema central e transversal, sempre combinada com previsões tecnológicas e novas abordagens de conectividade. A sensação é de que estamos diante de uma transformação acelerada, que exige não apenas inovação, mas também responsabilidade e visão de longo prazo por parte de toda a cadeia digital.

O ponto que mais me chamou atenção foi o impacto direto da IA — especialmente quando combinada com computação quântica — sobre a infraestrutura de data centers. Essa tecnologia, que antes ficava em segundo plano, agora está no centro das discussões. Vários especialistas expressaram preocupação com a necessidade crescente de energia, de sistemas de *cooling* e de expansão física dos centros de processamento. Além disso, a localização geográfica desses data centers entrou na pauta política: a dependência de estruturas instaladas em outros países pode afetar a soberania digital das nações, algo que considero um alerta sério para o futuro.

Entre as demonstrações mais impressionantes que vi no evento, destaco dispositivos capazes de traduzir, quase instantaneamente, falas e textos em dezenas de idiomas. Com um atraso de apenas um ou dois segundos, é possível ter traduções faladas e escritas de

alta precisão — um exemplo poderoso de como a IA pode derrubar barreiras linguísticas e democratizar o acesso ao conhecimento. O próprio evento adotou traduções simultâneas perfeitas entre inglês e espanhol, o que reforça a ideia de que a comunicação global caminha para um patamar completamente novo.

Outro ponto recorrente nas discussões foi a evolução das redes móveis. Embora o 5G ainda enfrente dificuldades de adoção plena em diversos países, o 6G já está em pauta. Mas para mim, ficou evidente que nenhuma dessas tecnologias será realmente transformadora sem resolver dois desafios estruturais: a necessidade de transportar grandes volumes de dados até os data centers e o consumo energético crescente dessas operações. A conectividade passa a ser o “sistema circulatório” desse ecossistema, e sem ela, toda a estrutura perde sentido.

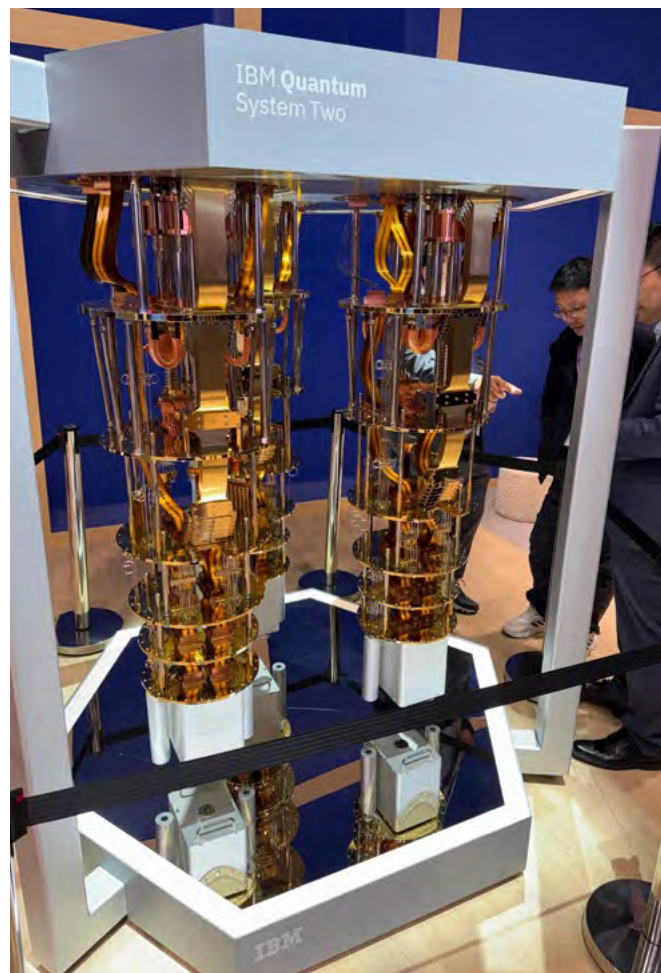
Por fim, me chamou atenção a busca por soluções ousadas para enfrentar os desafios dos data centers, como projetos experimentais de estruturas submersas, instaladas em rios ou no oceano, que utilizam o ambiente aquático para *cooling* natural. Já existem testes feitos por grandes empresas, e essa pode ser uma alternativa real para o futuro. Soma-se a isso a crescente adoção de áudio automático e tradução assistida por IA em conteúdos digitais — algo que, inclusive, já sugeri como um caminho importante para a SET. Tudo isso reforça minha percepção de que a IA não é apenas mais uma tecnologia: ela redefine acesso, escala, soberania e inclusão no setor de mídia e tecnologia.



para as próximas etapas da computação quântica comercial; Ray Shieh, líder de desenvolvimento de negócios Q-safe, foi explícito a reportagem que “até 2026, planejamos ser ‘quantum advantaged’, e hoje trabalhamos com 133 qubits. A ideia geral seria aumentar qubits, mas estamos indo na direção contrária: diminuir a quantidade e melhorar a qualidade”, e sublinhou que a meta principal é interconectar dispositivos quânticos para formar um sistema coordenado e resiliente a erros: “Se pudermos conectar todos eles, teremos um sistema que identifica seus próprios erros. É uma forma de manter e gerenciar melhor a performance.”

Shieh lembrou a mudança no horizonte temporal da indústria — “No ano passado falamos em 2030. E este ano dissemos: é agora” — e citou como casos já em andamento a simulação química avançada para fármacos e o design de materiais industriais por empresas como BMW e Boeing, reforçando que o “elemento humano” permanece indispensável para validar e transferir resultados do digital para o físico.

No campo da robótica e da simulação, a Dassault Systèmes apresentou a integração entre a plataforma 3DExperience e o humanoide Themis Gen2.5, da Westwood Robotics, demonstrando como gêmeos virtuais alimentados por IA permitem projetar, simular e validar comportamentos complexos antes da execução real, com o robô destacando um sistema operacional AOS e atuadores Mountain Bear de alto torque e dissipação térmica que possibilitam locomoção e manipulação simultâneas, sem “travamentos” entre ações, aproximando o comportamento do operador humano com mais precisão e previsibilidade.



O IBM Quantum System Two apresenta infraestrutura criogênica escalável, alimentada por três processadores Heron, e foi projetado para conectar múltiplas unidades, aumentando a capacidade.

Educação inclusiva

Na fronteira da inclusão digital, a SES e a IUH! apresentaram em Barcelona os resultados do maior programa de conectividade, o “Aprender Conectado”, já implementado em escolas rurais e áreas remotas do Brasil, um esforço de integração tecnológica que combina fibra, redes móveis, FWA e, de forma decisiva, satélites LEO da SES — que operam entre 350 e 2.000 km de altitude e entregam alta velocidade com baixa latência adequada ao uso pedagógico — e que já conecta mais de 5.000 pontos, majoritariamente escolas, e beneficia mais de 300 mil estudantes em mais de 6000 estabelecimentos educativos distribuídos por 932 municípios de 23 estados, com 1.500 escolas atendidas por LEO e outras 700 por soluções satelitais complementares.

Laerte Magalhães, CEO e fundador da IUH!, explicou em Barcelona que a lógica foi pragmática:

“Nós procuramos onde a escola está e, a partir disso, buscamos a melhor tecnologia”, com foco explícito em qualidade de serviço — “Mais do que conectar, se conectar com qualidade — para que a educação



Ricardo La Guardia, VP de vendas para América Latina da SES, com o CEO e fundador da IUH!, Laerte Magalhães

consiga usar a tecnologia de forma real”.

Pela sua parte, Ricardo La Guardia, VP da SES para a América Latina, destacou a engenharia de campo como fator de viabilização: “Isso foi possível com a instalação de terminais ágeis e compactos em áreas de difícil acesso”, com operações em regiões extremas

da Amazônia acessíveis somente por barco e onde a manutenção remota e a robustez do terminal são determinantes para a escala, e Magalhães arrematou o horizonte do programa ao afirmar: “Se nós conseguimos conectar as 40 mil escolas mais difíceis do Brasil, nós podemos conectar tudo”.

O Olhar dos Especialistas da SET — MWC 2026: Nova infraestrutura da televisão. Quando Telecom, Cloud e Media se encontram!

Por Fabio Acquati

Durante décadas, a infraestrutura da televisão foi construída sobre bases estáveis, com estúdios físicos, equipamentos dedicados, redes de contribuição proprietárias e operações altamente centralizadas, porém, a transformação digital das últimas duas décadas, impulsionada por IP, cloud e software mudou radicalmente essa realidade e, nesse novo cenário, eventos como o *Mobile World Congress* (MWC) tornam-se cada vez mais relevantes para o setor de mídia e broadcast.

A edição 2026 deixa claro que o futuro da televisão está profundamente conectado ao ecossistema de telecomunicações, computação em nuvem e a inteligência artificial trazendo “*The IQ Era*”, a era do **Coefficiente de Inteligência das Redes**, para não apenas monitorar, mas prever e agir de forma autônoma

e nós, os engenheiros de TV, acostumados com IQ sendo “*InPhase / Quadrature*” precisamos nos reinventar!



Tendências do MWC 2026

Conforme citado acima, o MWC26 mostrou uma indústria em plena transição para o que muitos chamam de “infraestrutura inteligente”, marcada pela integração entre conectividade, inteligência artificial e plataformas digitais distribuídas. Entre os principais temas apresentados no evento destacaram-se:

- **Inteligência Artificial integrada à infraestrutura - “Agentic AI”:** A IA deixou de ser apenas um recurso experimental e passou a ser incorporada diretamente às redes e plataformas digitais, ampliando o conceito de sistemas, agora capazes de operar e otimizar processos de forma autônoma, ganhando destaque em diversas demonstrações de operadoras e fornecedores de tecnologia.
- **Redes autônomas e AI-RAN:** Operadoras e fabricantes apresentaram arquiteturas de rede em que a inteligência artificial gerencia automaticamente recursos de radiofrequência, capacidade e qualidade de serviço, prometendo redes mais eficientes, resilientes e adaptáveis.
- **Integração entre cloud, edge e telecom:** A infraestrutura digital está se tornando cada vez mais distribuída e percebi que as plataformas de edge computing, combinadas com nuvens públicas e privadas, permitem processar dados próximos à origem, reduzindo a latência para aplicações críticas.
- **Streaming de dados em tempo real:** Outro destaque foi o crescimento das arquiteturas baseadas em dados em fluxo contínuo onde plataformas capazes de processar eventos em tempo real tornam-se fundamentais para observabilidade, automação e análise operacional em larga escala.
- **Evolução da conectividade:** 5G avançado, satélite e 6G; O evento também destacou o avanço do 5G, as primeiras pesquisas em torno do 6G e a integração crescente entre redes terrestres e satelitais, ampliando a cobertura e resiliência de comunicação global.
- **Computação quântica e criptografia pós-quântica:** Outro tema que chamou atenção foi

a presença crescente da computação quântica no ecossistema tecnológico que, apesar de necessitar de um resfriamento quase inimaginável, temperaturas mais baixas das que encontramos no espaço, estão operacionais em datacenters espalhados pelo mundo.

Embora ainda em fase inicial de adoção em larga escala, diversas empresas demonstraram aplicações práticas em áreas como otimização de redes complexas, simulações avançadas e processamento de grandes volumes de dados.

Um dos pontos mais debatidos foi o impacto da computação quântica na segurança digital. Algoritmos criptográficos amplamente utilizados hoje, como RSA e ECC, podem se tornar vulneráveis diante de computadores quânticos suficientemente avançados e, por isso, cresce o movimento global de desenvolvimento e adoção da chamada criptografia pós-quântica, baseada em algoritmos projetados para resistir a ataques de computadores quânticos.

Para setores que dependem fortemente de segurança de dados e integridade de transmissão, como telecomunicações, serviços financeiros e também a distribuição de conteúdo de mídia, essa transição será fundamental nas próximas décadas e a Telefônica estava apresentando algumas aplicações práticas nesse sentido.

A IBM disse que mais de 600 clientes já utilizam a computação quântica em sua nuvem, para diversas aplicações na área automobilística, saúde, industrial, logística entre outros, mas que o grande desafio no momento é diminuir os erros do processador e, para isso, estão combinando processadores quânticos, que hoje trabalham de forma isolada, para fazer um tipo de correção de erro, e esperam ter isso operacional até 2030.



O impacto direto no setor de mídia

Para a indústria de mídia, essas transformações representam muito mais do que melhorias incrementais de conectividade, pois redefinem a própria arquitetura de produção e distribuição de conteúdo.

A produção remota baseada em IP, por exemplo, depende diretamente de redes de alta capacidade e baixa latência e plataformas de processamento de mídia em nuvem podem utilizar infraestrutura distribuída, inclusive com *edge computing*. Os sistemas de monitoramento e orquestração de workflows operam cada vez mais com dados em tempo real e automação baseada em *“agent AI”*.

Em outras palavras, o que antes era chamado de “infraestrutura de broadcast” hoje se aproxima muito daquilo que o MWC apresenta como infraestrutura digital inteligente.

Para o setor de mídia, isso reflete uma mudança estrutural onde a televisão deixou de ser apenas um sistema de transmissão e passou a ser uma aplicação executada sobre infraestruturas digitais globais, onde, nesse contexto, acompanhar eventos como o MWC não é apenas relevante, mas essencial para continuar criando o futuro da televisão.

Saúde e prevenção

Na saúde digital, a Lenovo apresentou o TRAdA (Telemonitoramento Remoto Assistido de Arritmia), um vestível com IA desenvolvido no Brasil em parceria com o InCor-HCFMUSP e validado em três fases clínicas — incluindo prova de conceito com 253 participantes — com um recorte de 51 pacientes monitorados em casa no pós-operatório de cirurgias cardíacas, período em que as primeiras 72 horas são críticas, e nos quais o sistema identificou episódios de arritmia que demandam intervenção imediata.

Em entrevista à reportagem da Revista da SET, Hildebrando Silva, diretor de pesquisa, desenvolvimento



Assista a entrevista com Hildebrando Silva da Lenovo no MWC26 escaneando o QR.

e inovação da Lenovo Brasil, explicou que pensado para operar fora do ambiente hospitalar, o TRAdA combina hardware vestível discreto e confortável a um painel digital que centraliza dados e envia alertas instantâneos a equipes médicas, e foi também exercitado no esporte de alta intensidade com atletas do Primavera SAF (SP) como caminho de expansão de uso, e, considerando que a Sobrac estima mais de 20 milhões de brasileiros convivendo com arritmias e cerca de 320 mil mortes súbitas/ano associadas à condição, a detecção precoce e a vigilância contínua colocam a solução no centro de uma agenda de segurança clínica e de política pública de saúde.



No estande da Skyline, Fabio Acquati, coordenador do Grupo de IP da SET/NGN Telecom; Carolina Duca, Globo; com Steven Soenens VP de Product Marketing e Glenn D'haene, VP de Global Sales da Skyline

Pavilhão Brasil IT+

O ponto de encontro da delegação foi, mais uma vez, o pavilhão Brasil IT+, onde foram demonstradas soluções nacionais de software e compressão de dados que reforçam maturidade e escala internacional. O estande é a principal iniciativa brasileira para a internacionalização de empresas de tecnologia, software e serviços de TIC, co-coordenada pela Softex e ApexBrasil.

A Diagnext, com trajetória construída a partir de pesquisa aplicada em telecom, apresentou compressão de vídeo, áudio e documentos que atinge 92% sem perdas visuais e, em cenários médicos, “até chegar a 99,9% de compressão em cima de vídeos médicos”, preservando formatos de mercado — “Eu não mudo a extensão, então o cliente não é refém meu. O dado nunca é meu, o dado é do cliente final” —, resultado de uma reconstrução do modelo tradicional que permite atuar frame a frame e sobre o vídeo completo, explicou Leonardo Melo, CEO da empresa.

O executivo lembrou a experiência de 14 anos operando telemedicina no Amazonas — “Nós somos a

única solução que opera a telemedicina no Amazonas há 14 anos (...), são 106 mil exames por ano que a gente faz no Amazonas.” — e descreveu casos como o de uma empresa norueguesa de preservação de acervo audiovisual em que “um vídeo que ocupava oito rolos. Com a nossa tecnologia, o mesmo vídeo ficou em parte de um rolo”, além de testes em acervos do Institut Lumière com obras de Charlie Chaplin — “Mesmo com o diretor de cinema olhando, não perceberam a diferença.” — e um arquivo de 52 GB reduzido para 6 GB sem perda perceptível.

No mesmo espaço, a Anlix reforçou soluções de gestão e automação de redes ao afirmar por meio de Bruno Jorge que “participar como expositor em um dos principais encontros globais de telecomunicações e tecnologia móvel reforça o nosso posicionamento internacional e a relevância de nossa atuação no cenário global.” e que a companhia apresenta “soluções que transformam dados operacionais em insights acionáveis, viabilizando redes cada vez mais autônomas, a gestão inteligente de dispositivos e a otimização da experiência

do assinante, com foco no aumento da eficiência, na redução de custos e na elevação da qualidade dos serviços prestados por Provedores de Serviços de Internet (ISPs) e operadoras em todo o mundo”.

Já a Orange Testing, especializada em automação de testes *no-code*, estreia no MWC com foco em expansão internacional e, segundo Leopoldo Braga, “nossa expectativa é ampliar o networking com líderes globais de tecnologia, estabelecer parcerias estratégicas e gerar oportunidades concretas de negócios em um ambiente altamente qualificado e orientado à inovação”, e “nossa solução atende à demanda internacional por eficiência, redução de custos e aumento da qualidade das entregas digitais, permitindo que equipes escalem a cobertura de testes e reduzam riscos em ambientes críticos”, com atuação no Brasil, Estados Unidos e Europa (Irlanda e Portugal).

Ainda estiveram presentes Argotechno, Arkus.Tech,

BR.Digital Telecom, bycoders, CapiAnalytics, Fenix DFA, Grupo Voalle, Implanta IT, Instituto Eldorado, Int6 Tech, Interact Solutions, Ip Facens, iSend, Pappsales, Pulsus, RD2Buzz, SoftExpert, Sparz, Stefanini Group, The 12 Company, Trinca, Venko Networks, Vertis Solutions, Vixteam e Zoomtech.



Leonardo Melo, CEO da Diagnex no pavilhão Brasil IT+

Agentic Era com IA

A Huawei apresentou o paradigma “*Agentic Operations*” e apontou um crescimento de mercado 100 vezes maior com IA no MWC26. Segundo Bruce Xun, presidente da Huawei Global Technical Service, 2026 marca a transição da Inteligência Artificial “**do hype para o hábito**”, entrando na fase dos agentes inteligentes presentes “no corpo, em movimento e na estrada”. No *Intelligent Operations Summit*, a empresa apresentou o conceito de *Agentic Operations*, defendendo que as operadoras podem liderar a próxima onda de crescimento da IA ao integrar agentes inteligentes diretamente em seus sistemas de atendimento, operação e rede.

Bruce Xun afirmou na sua palestra que o setor vive a oportunidade de acessar um mercado “cem vezes maior” ao combinar automação avançada, serviços digitais contextuais e inteligência distribuída. O novo modelo apoia-se no *Agentic BSS (Business Support System)*, que substitui interações manuais por agentes que operam de forma autônoma em CRM (*Customer Relationship Management*) e sistemas de cobrança - *CBS (convergent billing system)*. Na prática, isso permite que operadoras lancem novos serviços digitais em poucos dias.

Casos internacionais ilustram o impacto: no Quênia, a solução

Idea-to-Cash já reduz o tempo de lançamento de produtos de meses para uma semana, enquanto plataformas de Mobile Money passam a usar IA generativa para criar páginas de recomendação personalizadas que aumentam a taxa de transações concluídas. Em Hong Kong, agentes inteligentes ajudaram a reduzir em 30% o tempo médio de atendimento ao cliente, explicou Xun.

A Huawei posiciona o novo paradigma como base para uma transformação profunda das operações das operadoras — abrangendo interação com o usuário, experiência digital e O&M inteligente — e como passo essencial para liberar o potencial econômico da chamada “Era dos Agentes”.



Bruce Xun, Presidente do Serviço Técnico Global da Huawei/Foto: Divulgação

O Olhar dos Especialistas da SET — MWC2026: a consolidação da IA como infraestrutura crítica

Por Fernando Lopez Cisneros



Ao percorrer os oito pavilhões do MWC Barcelona 2026 ficou evidente que a feira atingiu um novo estágio: a inteligência artificial deixou de ser discurso e se tornou um elemento estrutural da indústria. Com mais de 2900 expositores e 105 mil visitantes vindos desde 207 países, praticamente não houve um único estande que não apresentasse alguma camada de IA em seus produtos. A presença onipresente do termo demonstra não apenas uma tendência de mercado, mas uma mudança profunda na arquitetura dos sistemas digitais. A feira deixou de mostrar “aplicações com IA” para exibir “ecossistemas sustentados por IA”. O salto qualitativo, em relação ao ano passado, foi significativo.

Essa transformação também implica maior complexidade técnica. A forma como a IA está sendo incorporada varia enormemente: desde modelos embarcados em hardware de telecom até aplicações aplicadas em wearables, sistemas médicos, dispositivos de monitoramento e plataformas de análise em tempo real. A amplitude é tamanha que a IA já não pode ser classificada como “uma funcionalidade” — ela se tornou uma metodologia operacional. No MWC 2025, a criatividade estava concentrada em novas formas de transmissão e cobertura. Em 2026, a pergunta que

orienta o mercado mudou: *como a IA pode aumentar a eficiência, reduzir latência, otimizar espectro ou melhorar a vida útil dos componentes?*

O avanço também se refletiu nos sistemas de rede, RANs, decoders, transmissores e plataformas de operação. Os fabricantes agora entregam soluções que incorporam IA no núcleo do funcionamento, e não mais como complemento. Isso ficou claro inclusive nos robôs expostos na feira: embora ainda dependentes de controle remoto, já existe um pipeline de evolução — principalmente impulsionado pela indústria chinesa — para robôs autônomos circulando na Fira Gran Via, em Barcelona, no próximo ano. O que antes era demonstração performática está se aproximando rapidamente de ser um produto integrado a fluxos logísticos e operacionais.

Devido a expansão da IA na indústria, o termo “bite” está sendo substituído por “Tokenization”. Assim, hoje, as empresas de IA não faturam por palavras, mas sim por token.

A supremacia chinesa no hardware de telecomunicações foi um dos sinais mais claros desta edição. Repetidoras, transmissores, RANs, pontos de acesso e soluções Wi-Fi são hoje, majoritariamente, de origem chinesa. Paralelamente, observei um movimento estratégico das consultorias globais. McKinsey, Deloitte, SoftBank e Psycal montaram estandes de grande porte e atuaram de forma ativa conduzindo grupos de potenciais clientes por estandes chineses, americanos e europeus. O diagnóstico é evidente: a incerteza na tomada de decisão sobre como implementar IA abriu espaço para consultorias assumirem protagonismo na intermediação tecnológica. Onde há ausência de clareza técnica, há oportunidade de negócio.

Brasil em Barcelona

Outro ponto marcante foi a forte presença brasileira. Estima-se que seis mil profissionais do Brasil circularam pela feira, muitos ocupando posições relevantes em empresas internacionais como Qualcomm, Lenovo e Microsoft. Isso revela não apenas o crescimento do interesse brasileiro pela feira, mas também a valorização da mão de obra técnica nacional no cenário global.

O MWC se tornou tão extenso que já não é possível absorver tudo o que está exposto sem uma estratégia clara. Mesmo com planejamento, a dimensão da feira e

o volume de tecnologias emergentes tornam impossível uma cobertura total. Mas a conclusão de 2026 é inequívoca: entramos oficialmente em uma era em que a IA é parte intrínseca da infraestrutura digital.

A curiosidade que fica é como 2027 irá combinar a consolidação dos produtos lançados este ano com os novos ciclos de desenvolvimento que já estão em curso. A velocidade de evolução indica que o intervalo de um ano será suficiente para transformar conceitos em sistemas operacionais.